

Sônia Queiroz
organizadora

Ensaizando Leituras

Belo Horizonte
FALE/UFMG
1994

Diretora da Faculdade de Letras

Profa. Rosângela Borges Lima

Vice-Diretora

Profa. Prosolina Alves Marra

Chefe do Departamento

Prof. José Américo de Miranda Barros

Comissão de Publicações do Depto. de Letras Vernáculas

Profa. Sônia Maria de Melo Queiroz

Profa. Lucia Castello Branco

Profa. Leda Maria Martins

Prof. José Fernandes Vilela

Projeto Gráfico da Capa

Glória Campos

Composição

César de Almeida Carneiro

Jorge Luiz de Oliveira Munhoz

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Viva Voz

FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 4049

31270-901 - Belo Horizonte - Minas Gerais - BRASIL

Fone: (031) 448-5127 e 448-3128

Fax: (031) 448-5120

Apresentação

Durante um semestre letivo, estivemos lendo e escrevendo ensaios e agora reunimos nesta coletânea os textos escolhidos para publicação por duas comissões julgadoras, constituídas de alunos da disciplina Tópicos de Produção de Textos: Ensaio, duas monitoras e a professora.

Lemos ensaios, de Montaigne aos contemporâneos (brasileiros e estrangeiros) Leyla Perrone-Moisés, Italo Calvino, José Paulo Paes, Lúcia Castello Branco. Lemos, sobre o gênero ensaio, Pierre Villey, Eliana S. Muzzi, Roland Barthes, e ouvimos Eneida Maria de Souza em palestra. Sobre *a leitura, o leitor, o livro*, subtema escolhido como objeto de reflexão da disciplina, assistimos ao filme *La Lectrice*, de Michel Deville, a palestras de Vera Casa Nova e Maria Inês de Almeida, lemos artigos de jornais, trechos de livros, verbetes de dicionários e enciclopédias, e observamos – através de uma série de *slides* que denominamos *Galeria de Leitores* – as representações de leitores na pintura, em diversos momentos da história da arte.

O trabalho de criação e elaboração de textos orientou-se fundamentalmente pelos conceitos de *intertextualidade* (antes que *textualidade*) e *editoração* (antes que *correção*). Esses conceitos trazem à tona o aspecto humano do texto, qual seja, o fato de que ele é *sempre matéria reciclada* – lida, revista, recriada – e, portanto, sempre *obra inacabada*. Levam-nos também a refletir sobre a íntima relação entre leitura e escritura, da qual decorre a consciência da força da mão do homem – como escritor, como editor, como leitor crítico, divulgador de leituras – sobre o dedo de Deus – o talento, o dom – na formação das idéias e do gosto pelas formas (por certas formas).

O *ensaio* foi escolhido como gênero textual a ser trabalhado, por se configurar, hoje, indubitavelmente, como a forma mais adequada à expressão do pensamento sobre a linguagem humana, em especial sobre a literatura. Já livres, creio, do jugo dos padrões das ciências

naturais e exatas, podemos – estudantes e profissionais de Letras – admitir que para nosso texto, “bem ao contrário do que imagina o positivista, o conteúdo que se quer veicular não é de modo algum indiferente à forma de apresentação”.¹ E, ainda, que a uma visão classificatória, tradicionalmente reconhecida como científica, se contrapõe, ou melhor, se oferece como alternativa, uma forma interpretativa do pensamento, que exige do intérprete, “muito mais do que rigor classificatório, a espontaneidade da imaginação subjetiva”.²

Finalmente, quero dizer que esta coletânea reflete, antes de tudo, a nossa crença – dos estudantes e minha – de que o Curso de Letras é ou pode ser um espaço em que se experimenta, se aprende, se ensina, e sobretudo se pratica com prazer o jogo da palavra, da linguagem. Esta experiência, que toma por laboratório a sala de aula e por tubo de ensaio a folha branca, vem demonstrar que todo indivíduo pode se exercer enquanto sujeito da palavra escrita – *scriptor*. Autor (noção em franca decadência em tempos de pós-modernidade) será aquele que, tendo gosto pelo experimento, escolha tomá-lo por profissão (de fé?) e decida investir-se da autoridade de inscrever sua palavra (seu nome) na posteridade. Importa-nos hoje saber que podemos – e a escola pode – dar-nos o direito e a oportunidade do exercício consciente da linguagem, em sua forma eternizável – a publicação.

Sônia Queiroz

¹ DUARTE, Rodrigo, A. P. A Ensaística de Theodor W. Adorno. *R. Est. Lit.*, Belo Horizonte, v. I, n. 1, p. 18-30, out. 1993. p. 2.

² ADORNO apud DUARTE, op. cit. p. 24.

Sumário

A FORMA

Ensaando o Ensaio _____	8
Magda Gonçalves	
Os Ensaos de Montaigne ou a construção de um gênero _____	9
Magda Gonçalves e Roseli Martins de Matos	

LA LECTRICE

A Leitura de um Livro-Filme _____	13
Rodrigo Costa	
A Leitura enquanto Produção Literária _____	14
Magna S. O. Rodrigues	
Uma Vocação bem Particular _____	15
Fernando Gonçalves de Oliveira	
A Viagem através da Leitura _____	16
Marta Nogueira Camargo	
A Releitura _____	17
Águida Valéria Pinheiro	
A Transgressão _____	18
Eliane D. O. Crispim	
Sobre o Filme que eu não Vi, Tratando do Tema que me Escapa _	18
Moacyr Laterza Filho	

GALERIA DE LEITORES

Mais um entre muitos _____	21
Mônica Aparecida Gregório	
O Corpo na Leitura _____	22
Marriene Freitas Silva	
Leitor, o Naufrago da Palavra _____	23
Fernando Gonçalves de Oliveira	
A Arte dos Grandes Pintores e sua Relação com a Literatura ____	24
Regina Coeli de Souza	

A LEITURA, O LEITOR, O LIVRO

Do Pacto Maléfico ou a música da leitura _____	27
Moacyr Laterza Filho	
Contando Estórias _____	31
Roseli Martins de Matos	
Dentro do Guarda-Roupa _____	35
Mônica Aparecida Gregório	
A Criação do Texto através da Leitura _____	38
Águida Valéria Pinheiro	
Leitura: a Semeadura (do Escritor) é Livre, mas a Colheita é Incerta _____	40
Fernando Gonçalves de Oliveira	
Leitura Mistura Tessitura _____	44
Magda Gonçalves	
A Leitura como Fonte de Prazer _____	47
Andrea Cristina da Silva Félix	
Achem a Chave _____	50
Rodrigo Costa	
Ler, Ler-se _____	52
Ana Maria Bernardes de Andrade	
Enigma do Livro _____	55
Berenice R. Teixeira	

Ensaizando o Ensaio

Devo ensaiar. O quê? Uma peça de teatro? Uma música? Não e sim. Devo produzir um texto. Este deve ser harmonioso e ritmado, as palavras devem ser colocadas em cena, daí o não e o sim.

O conceito de ensaio aqui vem do francês *essai*, “estudo sobre um determinado assunto, porém menos aprofundado”. Partindo deste conceito, vamos ao ensaio.

Em minha mente um rol de palavras, palavrinhas e expressões vão desfilando desconectadas. Devo agarrá-las, colocá-las em harmonia, montando um cenário perfeito para que a coreografia aconteça. Para isso preciso sentir-me livre para a magia do criar.

Criar, palavra que em grego era expressa pelo verbo *poiéo*: ‘faze’, ‘fabricar’, ‘imaginar’. Vou fazer a folha antes imaculada, tornar-se maculada; vou fabricar um sentido para as palavras que antes passavam pela minha mente e vou imaginar a reação do meu leitor ao espetáculo que vou criando só com as palavras que agora suavemente vão dançando em seus devidos lugares.

Se o meu espetáculo merecer os seus aplausos, prezado leitor, ótimo: caso não, levantarei, irei tentar, retentar, fazer outro.

Recriar, sim, é isto, até conseguir chegar ao ato final.

Magda Gonçalves

A Forma

Os Ensaios de Montaigne ou a construção de um gênero

*Se a minha alma pudesse ter pé,
não me ensaiaria, resolver-me-ia.
Ela está sempre em aprendizagem
e em experiência.*

Montaigne

Criar um gênero certamente não foi a intenção de Montaigne ao se refugiar em seu castelo. Mas ao escrever *Ensaios*, numa época marcada por dogmas e erudições literárias, buscando uma análise crítica de si próprio e da sociedade, foi o precursor do gênero ensaio. Montaigne não diz apenas que aplica as experiências de seu julgamento, ele diz que compõe os ensaios de sua vida e entenda-se a frase segundo o sentido da palavra ensaio naquele tempo: “eu vos apresento minha experiência pessoal sob todos os aspectos”.

Na tentativa de ensaiar-se procurava expressar tudo o que lhe ia na alma, seu humor e seu temperamento. Imaginava um livro onde, além de suas idéias, pudesse encontrar a própria vida.

É assim que se comporta Montaigne, mostra o ser paradoxal que somos, se colocando em análise, é ambíguo e aberto a tudo. Não concebe um mundo puro, uma vez que a pureza é ilusória. Para Montaigne, a dúvida é o caminho da certeza, sendo que a própria dúvida revela-se como certeza. Devemos ver Montaigne como ele via tudo que o cercava, misturado e alterado.

Um aspecto interessante em seus ensaios são os títulos. Segundo Eliana Muzzi, “observa-se a total indiferença de Montaigne em relação à função autoritária do título, na medida em que unifica o sentido do livro”. Note que a forma textual dos ensaios reflete uma inquietação. Não pode admitir que o título seja unificador, na medida em que não acredita em um todo absoluto. Analisando o ensaio “Nada Apreciamos Inteiramente Puro” percebe-se esta característica. Neste ensaio, onde ele discorre basicamente sobre a mistura natural

das coisas, nos perguntamos onde está o *puro* do título e o que Montaigne pretende com tal afirmação. Sua pretensão é justamente nos mostrar a impureza das pessoas, coisas e situações.

Entretanto, isto só é compreendido quando abstraímos que o tema abordado pelo autor é a contradição natural e, portanto, a inexistência da pureza, uma vez que tudo é alterado. O que altera tudo é o nosso olhar. Montaigne, acima de tudo, ressalta a impureza inerente ao ser humano. Esta é a tônica de sua escrita. “A fraqueza de nossa condição faz com que não possamos apreciar as coisas em sua simplicidade e purezas naturais, tudo que usufruímos é alterado”. Esta alteração deve ser encarada também naturalmente, uma vez que ela nos reflete. Nosso olhar é proporcional às nossas vivências e experiências pessoais.

Montaigne ressalta que “em tudo e em toda parte o homem não passa de um amálgama de peças desengonçadas”. Assim seus ensaios assumem um caráter de imperfeição – no sentido de o autor assumir enquanto ser humano, sua própria imperfeição.

A concepção do ensaio como pintura de seu EU foi o resultado de um longo processo na busca de uma escrita pessoal. Montaigne não esperava que seus *Ensaios* fossem lidos por várias pessoas; escrevia para, após sua morte, deixar-se para a família e amigos, como afirma no prólogo: “Eis aqui, leitor, um livro de boa-fé. Adverte-o ele de início que só o escrevi para mim mesmo, e alguns íntimos, sem me preocupar com o interesse que poderia ter para ti, nem pensar na posteridade. Tão ambiciosos objetivos estão acima de minhas forças. Votei-o em particular a meus parentes e amigos e isso a fim de que, quando eu não for mais deste mundo (o que em breve acontecerá), possam nele encontrar alguns traços de meu caráter e de minhas idéias e assim conservem mais inteiro e vivo o conhecimento que de mim tiveram.” Talvez seja este o motivo que o levou a não usar referências bibliográficas para suas citações, numa atitude despreocupada e informal, pois só seria lido por seus conhecidos.

Entretanto, Montaigne publicou seu livro, atingindo um público bem maior do que o estimado no prólogo dos *Ensaaios*. O autor, na verdade, não se dirigia apenas aos seus conhecidos, dirigia-se também aos leitores desconhecidos, e mesmo à posteridade, apesar de afirmar o contrário: “escrevo meu livro para poucos homens e para poucos anos”. Assim, a escrita paradoxal e contraditória de Montaigne se constitui como uma escritura, assim como a define Leyla Perrone-Moisés: “na escritura, o sujeito individual cede seu lugar a um sujeito de enunciação que se constitui e se desconstitui incessantemente (...)” Ou, nas palavras de Barthes: “só a escritura pode (...) recusar o terror paterno espalhado pela ‘verdade’ abusiva dos conteúdos e dos raciocínios, abrir para a pesquisa o espaço completo da linguagem, com as suas subversões lógicas, o amalgamar-se de seus códigos, com seus deslizamentos, os seus diálogos, suas paródias (...)”.

Os ensaios de Montaigne, enquanto escritura, contrapõem-se à verdade dos textos clássicos, configurando-se como novidade. Gênero adequado para a pintura do EU, por admitir a impureza e a imperfeição humanas, perpassando a experiência de vida, gera um texto marcado pela experimentação, pela liberdade de expressão, pela arte de pensar e questionar.

Magda Gonçalves e Roseli Martins de Matos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988. Cap. I: Da ciência à literatura, p. 23-29.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Sinais*. Trad. Fernando Gil. Lisboa: Minotauro, 1962. Cap. 10: Leitura de Montaigne, p. 301-319.

MONTAIGNE, Michel de Eyquem de. *Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Brasília: Editora UnB, HUCITEC, 1987. 3 v. V. 2, Cap. 20: Nada apreciamos inteiramente puro. p. 361-362.

MUZZI, Eliana Scotti. Os *Ensaaios* ou a escrita nômade. *Kriterion*, Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, n. 86, ago.-dez. 1992.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978. Cap. I: O lugar crítico, p. 15-34.

VILLEY, Pierre. Os *Ensaaios* de Montaigne. In: MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Brasília: Editora UnB, HUCITEC, 1987. 3 v. V. 2. p. 1-6, 71-78.

A Leitura de um Livro-Filme

Com uma estrutura narrativa tão peculiar quanto sua própria personagem central, o francês *La Lectrice* desperta nos interessados em questões relativas à linguagem, nas suas mais variadas formas de ocorrência, um certo desejo de revê-lo e/ou relê-lo. E há, efetivamente, essas duas opções, pois o filme teve seu roteiro adaptado de um romance que leva o mesmo título e que, curiosamente, aparece também na tela – nas mãos da protagonista! – levando a obra a uma espécie de desdobramento metalingüístico no mínimo genial.

Imagine um filme cujo tema é “a leitora” e que contém um livro de tema “leitura”, que por sua vez é a origem do próprio filme. Minha intenção não é levar você, meu leitor, a uma locadora (a menos que mais tarde algum jornal use meu ensaio como resenha), mas, como se não bastasse, são duas horas de leitura auditiva e visual de autores que vão de Maupassant a Sade, passando por Baudelaire e L. Carrol. Mas leitura auditiva e visual? Como? Você deve estar se perguntando e é o que rapidamente tento esclarecer.

Auditiva porque se ouve mesmo, a leitura em alta voz, de textos de autores escolhidos pelos ouvintes-leitores e, visual, na medida em que se vê, concretamente, realizando-se nestes mesmos ouvintes-leitores, os efeitos da leitura.

Para exemplificar escolho a personagem Éric – primeiro cliente da nova profissional leitora – adolescente, paraplégico, superprotegido pela mãe e que logo no primeiro contato com a atuação de Constance (a leitora do filme) tem uma crise emocional que o leva a um hospital. Como o texto lido trazia certa carga de erotismo e o garoto, parece-me, projeta isso na pessoa da bela Constance, acaba tendo uma disfunção qualquer. Para ele há como que uma materialização do narrador, viabilizada pela presença da voz e do corpo da leitora, e daí

La Lectrice

uma vontade de poder ele também materializar seu desejo, estimulado pelo erotismo presente.

Ainda em tomo de sexualidade há o caso do empresário hiperansioso que só conseguirá sentir prazer quando estimulado pela leitura ... Aliás, duas coisas essas intimamente relacionadas. Conheceria ele a *jouissance* de Barthes?

Rodrigo Costa

A Leitura enquanto Produção Literária

Assistindo ao filme *La Lectrice*, dirigido por Michel Deville, atentei para um fato que, às vezes, passa despercebido ao leitor comum (aqui, creio que o termo *leitor* possa abranger tanto o leitor de um texto verbal quanto fílmico): Qual seria a importância do leitor na obra literária? Acredito, a princípio, que a sua importância vai além de ele ser considerado um simples “espectador” ou um “consumidor”.

Para tentar explicar essa questão, tecerei algumas considerações acerca do filme *La Lectrice*.

A leitora do filme é a jovem Constance (representada pela atriz Miou-Miou) que, após uma conversa com sua amiga, resolve colocar um anúncio num jornal, oferecendo-se como leitora domiciliar. Constance é bela, possui uma boa voz e formou-se em Letras. Ela toma o ato de ler como profissão, ou, pelo menos, tenta ...

Em *La Lectrice* “a arte de dizer (e ouvir) palavras em voz alta é bem mais que um refinamento vazio”.¹ A jovem Constance, ao tornar-se sujeito da enunciação – no ato da leitura – faz com que o desejo

¹ ARAÚJO, Inácio. Prazer do texto chega pela voz de Miou-Miou. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1 mar. 1991. Ilustrada, p. 12.

sexual flutue nas bordas dos textos de Maupassant, Baudelaire, Lenine, L. Carrol, M. Duras e Sade.

Constance e seus ouvintes, ao lerem os mesmos livros – abandonando a leitura solitária –, deram início a mais uma produção literária, pois interferiram no texto, descobriram sentidos contidos em suas linhas e entrelinhas, e desenvolveram interpretações, transformando-o.

A princípio acredito que, ao tomarmos a posição de leitores, estaremos embarcando em “uma viagem” com objetivos prévios, mas que fatalmente vão sendo modificados pelo próprio processo da leitura, pelo texto ou por nós, leitores, ao compararmos o seu conteúdo com outras informações já obtidas em leituras passadas.

Ultrapassando a idéia do leitor como um simples “espectador” ou “consumidor”, insisto na sua importância enquanto criador, pois, ao lermos, damos origem a um novo texto, uma vez que “a leitura atua por contaminação, instaurando o lugar em que tem vez a imaginação, a fantasia e a criação do leitor na formação de significados que passam a existir para além das páginas que se lê”.²

Magna S. O. Rodrigues

Uma Vocação bem Particular

Na leitura do filme *La Lectrice*, de Michel Deville, um dos pontos que mais me chamou a atenção foi a obstinação da personagem Constance, vivida pela atriz Miou-Miou, em exercer a sua profissão de leitora, um trabalho que, além de muitíssimo incomum, ou talvez inexistente, dentro de um mundo dominado pelo imperialismo do consumo, é também muitíssimo exótico, pelas suas próprias características.

² BARBOSA, J. Alexandre. Variações sobre a leitura. *Jornal da USP*, São Paulo, Caderno de Leitura, p. 1b.

Outro aspecto interessante no filme é a escolha de uma personagem *sexy*, muito sedutora, para protagonizar a leitora, *La Lectrice*. O motivo da escolha pelo diretor é óbvio: a leitura seduz; portanto, para algo que seduz, nada como uma representante que também exerce a sedução: uma mulher *sexy*.

Porém, como a sedução é algo perigoso, que pode levar a caminhos incertos, a incipiente profissional vê-se em apuros, diante das várias formas de opressão, de empecilhos ao exercício de sua profissão: a mãe do garoto paraplégico, o médico e, sobretudo, o delegado, como representante máximo da opressão naquela sociedade (a clássica figura do Estado como agente da opressão, como não poderia deixar de ser). Apesar de todo esse aparato opressor, a vocação de Constance (descoberta e cada vez mais certificada em silêncio) falou mais alto. Aliás, gritou: “Eu vou exercer minha vocação!” Vocação que também rima com sedução. E o momento culminante dessa decisão, penso, foi a cena em que o juiz aposentado quis constrangê-la com a leitura do Marquês de Sade. Ela “disse” expressivamente: “Pois bem, essa é a minha profissão, eu a escolhi. Pois que venha o Sade ou outro qualquer!” Momento belíssimo do cinema e da vitória da vocação, a despeito de todas “as pedras no meio do caminho”.

Fernando Gonçalves Oliveira

A Viagem através da Leitura

Toda leitura é uma viagem. Nela nos tomamos o mocinho ou o bandido, a bela ou a fera, o bem ou o mal. Somos pré-históricos, somos astronautas, somos felizes ou infelizes. Identificamo-nos ou nos repudiamos. Envolvemo-nos ao ponto de irmos junto com ela. E com ela rimos, com ela choramos.

“O prazer da leitura está no descobrir o que está dentro do texto” (Roland Barthes).

Penso também na grande oportunidade que a leitura do texto nos dá: construir, a partir dele, outros textos. A cada nova leitura de um mesmo texto, criamos, de acordo com a nossa visão, dependendo da época e do contexto, uma nova leitura, uma nova versão sobre ele.

O texto literário nos propicia uma fonte inesgotável de leituras.

No filme *La Lectrice*, Constance, a leitora, através da sua voz, faz com que seus ouvintes construam seu imaginário, buscando na sua memória dados do passado que, viajando, trazem para o presente.

Marta Nogueira Camargo

A Releitura

Leitura e prazer se aproximam, se tocam, confundem-se, fundem-se, tomam-se *um*.

E, inseridos um no outro, já é quase impossível distingui-los, ou mesmo separá-los.

A ânsia e desejo de iniciar e concluir a leitura, absorvendo-a de alguma forma, é a excitação que prepara o prazer final e confunde o leitor com a leitura. Não se pode dizer onde começa o autor e onde termina o leitor; eles são o mesmo e distintos.

O amante apressado é a imagem perfeita daquele que pretende unicamente “devorar” o livro; mas, muito além disso, é necessário calma e entrega para se fazer a leitura. O leitor quase nunca encontra o seu “eu” nas linhas escritas, mas nos espaços vagos que somente ele poderá preencher, e, para isso, é preciso suavidade para que o encontro seja de fato satisfatório.

Mais que o simples devaneio, a leitura fascina, seduz e extasia. Oferece um prazer que se completa mas não acaba; daí buscá-la sempre, mesmo que se repita.

Águida Valéria Pinheiro

A Transgressão

Encontrei uma leitora bem particular e peculiar. Constance coloca um anúncio no jornal oferecendo leituras e sua bela voz. Aparecem os solicitadores de seu serviço, ela irá desenvolver seu papel original, indo ao âmago de cada ouvinte.

Transgride valores sociais quando entra na vida de cada ouvinte, tentando ajudá-lo. Ela se permite ser musa do adolescente paraplégico quando se deixa levar pelo jogo da sedução, transa com o empresário ansioso para se fazer ouvir. Tenta levar poesia para a generala, mostrando-lhe outra perspectiva de olhar o mundo: tentativa inútil. Ela acompanha o trajeto das aranhas na perna da moça, dando-lhe alguns conselhos de como contornar a situação. Sai com a garotinha tentando suprir nela a falta da mãe – mulher de negócios. Constance faz leituras de Sade para o médico, o delegado e o juiz. Sade, em sua obra, faz claramente o que a aristocracia fazia.

Constance é bem particular porque trabalha com a literatura, desempenhando bem o seu papel e não se deixando dominar pela culpa moralizante estabelecida pela sociedade, pois “a arte não tem nenhum compromisso com a moral”.

Ela seqüestra os ouvintes para o imaginário deles, quando joga sua voz soltando palavras aladas.

Eliane D. O. Crispim

Sobre o Filme que Eu não Vi, Tratando do Tema que me Escapa

Em *Volere Volare*, trocadilhos à parte, M. Nichetti abre a cena mostrando um engraçadíssimo “serviço de acompanhantes”. A

escort-girl, de personalidade forte e ímpar (de verdade! E aí que está a primeira graça do filme) dedica-se à arte de realizar as fantasias mais tenebrosamente absurdas de seus clientes: o advogado se veste de bebê, deita no berço e fala como um garotinho, os irmãos gêmeos tomam chá enquanto a moça se apronta e por aí a fora o humor do filme alivia, então, essas manifestações agudas de neuroses, esses desejos esquisitos que nos provocam a cada dia e que, a cada dia, somos forçados a reprimir ou a redirecionar.

Sim, pois que mais pode significar o jornal levado invariavelmente todos os dias para o banheiro (pois, afinal de contas, não há nada mais desajeitado do que um jornal no banheiro...)?!!

O jornal é uma espécie de “escort-girl”, que realiza a nossa mais absurda necessidade de conversarmos enquanto fazemos ... nossa higiene íntima. Solitários momentos os do banheiro.

Mais do que o jornal, quem realmente nos realiza os sonhos (dos mais baixos aos mais elevados) são os livros. Não ... não me entenda mal!... não estou chamando os livros de “profissionais”. Não chegaria a tal ponto... Eu os estou chamando, neste exato momento, de Cachorros! Os livros são cachorros.

Já reza o ditado mineiro que para cachorro não há dia ruim. Para eles nunca há dia ruim. Se, em algum momento, eles param de “conversar” conosco, acreditem, a culpa é nossa! Eles estão sempre bem dispostos. Nosso humor é que varia.

É como se o livro fosse aquele nosso amigo que, quando em criança, brincava conosco. Se, em algum dia, estivéssemos com o ovo atravessado na garganta, se brigássemos, não importava. No dia seguinte ele estaria de novo lá, inabalável, disposto a renovar aquele antigo pacto de sangue, que... será que um dia houve?

Ou talvez ainda mais... Talvez o livro fosse uma mulher: aquela que nos cortasse as unhas da mão direita, como a definia Mário Quintana. A mulher com quem não tivéssemos nenhum escrúpulo de falar, de trocar idéias e letras bem de pertinho, sem medo de hálito ruim nem o

mínimo escrúpulo de não entender ou não ser entendido. Isto porque o livro sabe que nem sempre o entendimento é tudo... às vezes “perceber” é mais significativo. E assim, pacientemente ele espera. Como Scherazade, aguarda o momento exato para nos envolver na deliciosa dissuasão a que nos entregamos voluntariosamente.

Moacyr Laterza Filho

Galeria de Leitores

Mais um entre muitos

Sentada junto à moça que espera o trem, dou uma olhadela no livro que ela traz ao colo, aberto, e passo a ser mais um entre tantos leitores. Seu olhar não está no livro e sim na estação, provavelmente à espera de alguém. Primeira leitura. Também é possível que tenha reencontrado nesse livro uma parte do seu eu adormecido. Segunda leitura. Cada leitor em particular interpreta a sua leitura, cada Gabriela, cada jovem vestida de azul tem a sua visão de mundo.

Através da Leitura entra-se na fantasia do autor e compartilha-se com ele todos os sentimentos que o livro possui; o autor divide com seu público leitor todos os seus sentimentos de ser humano mortal, suas dores, incertezas, angústias, alegrias e descobertas.

Deixo de espiar o livro da moça e embarco no trem que havia chegado. O único lugar vazio era ao lado de uma velha, lendo. Percebo então as diferenças que uma vida pode trazer à leitura. O modo de ser de cada um, o espaço ocupado ou por ocupar de alguém, a experiência das coisas do mundo que cada um carrega em si influenciam no gosto e interpretação da leitura. Ler é pessoal e íntimo, pois cada leitor descobre, segundo seus desejos, uma relação de empatia com o texto. Ou nada descobre ou sente, segundo sua nenhuma leitura de mundo. Terceira leitura.

Chego ao meu destino e me dirijo à casa de madame, a Condessa. Ela se encontra lendo no jardim. Dentro da casa a mãe e a irmã também se entretêm com a leitura, sem perceber a minha presença ou a do cachorro deitado no carpete. A leitura envolve a tal ponto que não vemos nada à nossa volta. De repente o livro e o leitor são um só ser, unidos num desejo comum. Cabe a cada leitor em particular descobrir o seu desejo comum.

Subo as escadas e entro em meu próprio mundo particular, onde através da leitura posso sentir o que sentem os personagens, viver o que eles vivem e ser como eles são. Quarta leitura. Ler é viver no

texto e senti-lo, conhecendo coisas, lugares e pensamentos de homens e mulheres nunca vistos, compartilhando memórias. Centenas de leituras: não há uma única leitura, assim como não há um único ser humano. Somos milhares, podendo, portanto, ter milhares de leituras.

Fecho o livro e passo agora a ler o mundo e a vida que me cerca. Acompanhe-me quem o quiser.

Mônica Aparecida Gregório

O Corpo na Leitura

Ao assistir à série *Galeria de Leitores*, apresentada em *slides*, percebi o quanto o ato de leitura envolve toda uma *performance* do corpo e não apenas o vai-e-vem dos olhos, como parece a princípio.

Há em todos(as) os(as) leitores(as) retratados(as) uma expressão específica, formada pelo olhar, a face, as mãos e a posição do corpo. Todo esse conjunto forma um símbolo que tem como significado a relação do leitor com o texto a sua frente.

A princípio poderia analisar as variações a partir do tipo de texto que pressuponho existir no retrato, mas esta hipótese surge mesmo é pela imagem que tenho do corpo. Um olhar que não se encontra direcionado ao texto, por exemplo em *Estação de Saint-Lazare*, de Berthe Morisot, sugere um distanciamento do livro como consequência da atenção retirada do texto por uma outra imagem. Porém, a posição das mãos não indica um fechamento do livro, podendo seu gesto de distanciamento ser uma pausa para reflexão.

Sem dúvida o olhar é a principal forma de expressão, mas é também um grande receptor dentre os sentidos humanos, onde o mundo visual entra alterando e sensibilizando todos os outros sentidos: as mãos querem tatear o que se vê, e, se não é possível, gesticulam e mudam à medida que novas imagens/“linguagens” passam pelos olhos. Elas

precisam se expressar de alguma forma. São as mãos a outra parte do corpo que mais varia de posição nos retratos.

Se houvesse um tempo maior de apreciação da Galeria, descobriríamos maiores detalhes gestuais para uma análise mais profunda, que não é possível no momento porque correria o risco de perder as referências de cada expressão.

Marriene Freitas Silva

Leitor, o Náufrago da Palavra

O ato de ler, a partir da observação da mostra *Galeria de Leitores*, pode ser facilmente depreendido como um mergulhar-se, de corpo e alma, no objeto da leitura.

Vê-se, nas pinturas da mostra, esta representação dos leitores: na sua maioria, eles estão retratados com os olhos profundamente introjetados no livro, no texto – *eis o mergulho da alma*. Ou, então, quando não estão com os olhos fixados no objeto da leitura, estão introspectos, no espaço, com as imagens que os textos lhes provocaram, o que também é um mergulho, um jogar-se da alma. Outra leitura interessante da mostra é também a entrega do corpo ao ato de leitura: a postura do leitor é, de uma forma ou de outra, favorável à leitura (ou à meditação sobre as imagens produzidas na mente do leitor) – o corpo encurvado, recostado, enlevado (quando no ato da meditação), ou ereto, mas com a cabeça abaixada. *Eis a entrega, o mergulho do corpo*.

Curioso também seria notar que no ato da escrita há também entrega semelhante, não absolutamente igual, pois parte do corpo está em movimento e em estado de excitação, característica do estado de quem produz qualquer coisa. Daí a proximidade, que chega a

confundir senão a tornar sinônimos um do outro – o ato de ler com o ato de escrever: ambos envolvem processos semelhantes.

Mas, detendo-se na retratação do leitor, objeto da mostra, conclui-se um fato indiscutível: o de que o leitor é um sujeito, no sentido da entrega ao livro, ao texto ou às imagens, produzidas em sua mente através do texto. Ele é sujeito e também está sujeito ao texto devido à força de sedução da palavra, desse poder que dela emana.

Fernando Gonçalves Oliveira

A Arte dos Grandes Pintores e Sua Relação com a Literatura

A arte, em suas variadas manifestações, cria, interpreta, inova e transforma as leituras do mundo de acordo com o estilo e a sensibilidade de cada artista. Literatura e pintura, em especial, estão relacionadas várias vezes na história das artes.

Pintores clássicos e impressionistas procuraram mostrar em ângulos variados as diversas formas de leitura que o ser humano produz. O auto-retrato de Rembrandt, por exemplo, é uma forma de comunicar o mundo da leitura. Homens e mulheres, atenção e devaneio, preocupações e angústias, claro e escuro, o novo e o velho, a beleza e a obscuridade, tudo isso são faces diferentes de um mesmo tema: a leitura.

Alguns quadros são mais atraentes que outros e despertam em nós reações e gostos diferentes. Alguns personagens lêem compenetradamente, absorvendo as palavras e o seu sentido literário, como se estivessem presos à magia do livro. Outros estão mais distraídos, nem parecem que têm à sua frente um livro, estão reparando outras coisas ao seu redor. O quadro *Gabriela Lendo*, de Renoir, parece-me de extrema beleza e sensibilidade artística. A

jovem parece preocupada ou bem distraída, mas interage com a leitura que faz.

Outro quadro bastante interessante é *o Jovem com a Caveira*, de Cézanne, contemporâneo de Renoir. Mostra um rapaz que tem a sua frente, sobre uma mesa, um livro e, ao lado deste, uma caveira, retratando uma angústia e um certo conformismo, realçado por cores fortes e escuras; o livro talvez seja um grande cúmplice naquele momento solitário e pensativo do rapaz.

O importante é observar como os pintores retratam a relação homem/livro, deixando expressa a influência da leitura na vida do ser humano. Pode-se dizer até mesmo que o homem se forma e se edifica através não só das suas experiências de vida, mas também do contato com o mundo escrito e interessante oferecido pelos livros.

Regina Coeli de Souza

A Leitura, o Leitor, o Livro

Do Pacto Maléfico ou a música da leitura

O chão rolando pelo entendimento vazio.
Elson Froes

Estas são apenas impressões pessoais. Um tanto autobiográficas, talvez, mas vividas e convictas da sua parcialidade.

De modo algum o tema que perpassa as linhas que se sucedem abaixo (se é que realmente o há) será tratado de forma academicamente científica. Longe de mim fazê-lo (ao menos aqui)! Tomo a coragem de não assumir o tom de nenhum tipo de autoridade. Falo, antes, de mim que de qualquer outra coisa. Assim como Montaigne, tomo a brava liberdade do devaneio, sem a preocupação com a correção ou com a precisão intelectual e metodológica ... e, por isso, faço minhas, as palavras dele:

Se houvesse almejado os favores do mundo, ter-me-ia enfeitado e me apresentaria sob uma forma mais cuidada, de modo a produzir melhor efeito.¹

Assim, leitor, se o que lhe interessar for a consistência de idéias, a excelência, a pureza temática, poupe o seu tempo, não desvie a sua atenção e abstenha-se de ler estas poucas páginas.

Nunca é possível determinar o exato começo das coisas. Nem mesmo o Gênesis, quando narra a criação do mundo, é certo no que se refere ao “antes da luz”: o espírito de Deus pairava sobre as águas... mas desde quando?

Nasci e cresci numa casa de quase cem anos de idade, três metros de pé-direito, forro de madeira, assoalho de velhas tábuas corridas,

¹ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Trad. Sérgio Millet. Porto Alegre: Globo, 1961. v. 1, p. 67.

gastas de tanto piso, lisas de tanta cera. Uma cidade de porões sob meus pés, goiabeira no quintal, paredes rachadas e goteiras em dias de chuva.

Acordava, comia e respirava no meio de um infinito de *slides*, discos e fios conectivos de pesados gravadores de rolo (Akai, meu filho, são os melhores), móveis ancestrais e dez mil livros empoeirados e cuidadosamente largados em estantes verdes e de ferro (as melhores, meu filho, porque não atraem traças).

Meu nome, já o sabia escrever antes mesmo de ir à escola... muito embora tivesse alguma dificuldade com o y: a paciência da mãe, inabalável paciência que me fez chegar à clínica radiológica andando... com a perna quebrada.

Sempre muito magro (não tem jeito, meu filho, é de família), nariz sempre muito grande (nariz, meu filho, é um bem de raiz), acostumado ao cheiro de bolor de livros velhos, à impiedosa poeira das estantes, às seculares teias-de-aranha no alto do teto. Óculos desde muito cedo (não é possível, doutor, que esse menino acorde com dor-de-cabeça. Se ainda fosse no fim do dia ...) e muitos graus. Por isso mesmo, pouco ou nenhum futebol.

Livros, em lugar. Livros, escondido no pé de goiaba. Menino, cadê você? Não sai de casa sem me avisar, sair de casa para quê?

Expedições ao galinheiro do vizinho (cuidado para não quebrar as telhas, menino!). Quietinho, em cinja do telhado, conhecendo Jasão e os argonautas invisíveis: Orígenes Lessa, Edições de Ouro, nome assinado embaixo, autógrafo do autor, presente da parenta distante... muito obrigado. Que brinquedo que nada, menino! Agradece!

Sem falar no dia em que chegaram aqueles volumes enormes, antiqüíssimos, capas verdes, ilustrações a purpurina protegidas por papel de seda... em francês... pode ver, mas toma cuidado!

Aulas de música, o primo maestro me levando a concertos. Eu muito quieto no carro. Ele muito falante, contando a história de cada instrumento.

Sempre curioso com os discos de 78 rotações, mais pela velocidade do prato que pela música... Sinfonia Patética de Tchaikovsky.

E a curiosidade pelo concerto sempre crescendo ...



Há qualquer coisa de comum entre o concerto, o museu e o livro... e nada consegue dissuadir de que se trata do dinamismo que está presente em todos os três. Apesar disso poder soar contraditório – ao menos em aparência (pois é ao museu que ligamos a imagem da múmia... que não é muito diferente daquela dos desembargadores engravatados que levam suas distintas senhoras à ópera) – a intensa cinética que move essas três “manifestações” culturais do Ocidente é que as aproxima em atividade.

Quando se vai a um concerto, vai-se com a certeza de que se cumprirá um pacto. O ouvinte promete ouvir e o músico promete fazer-se ouvir. Os aplausos que emolduram a música (antes e depois da *performance*) atuam, aí, como um rito consagrador desse acordo comum entre o público e o artista. A partir de então, feito e ritualizado o pacto, cada um assume o seu papel: o músico, consciente de seu poder de imenso encantamento, lança mão dos seus mais poderosos instrumentos de magia e sedução para envolver o ouvinte. Por outro lado, só se seduz quem quer ser seduzido, como o diz, de uma certa forma, J. L. Borges, ao tratar de um assunto semelhante: se supusermos que um desavisado leitor hipotético tome *Dom Quixote* para ler, como se a obra de Cervantes fosse um romance policial (e que romance não seria...), muitas das indagações desse leitor se dariam na tentativa de estabelecer e desvendar o mistério. Há uma atitude especial do leitor com relação ao texto, que direcionará toda a conversa entre “lente” e “livro”.

Da mesma forma, o ouvinte só vai ao concerto se tiver a disposição de ouvir música e, uma vez lá, deixa-se entregar inteiramente às artimanhas do artista. Atitude voluntária, mas extrema. Dessa forma escuta-se um concerto. O pacto se firma, mesmo que as reações, ao seu final, sejam desfavoráveis. Se o público não gosta, deixa-se, antes de formar a sua opinião, envolver inteiramente pela música para depois “julgá-la”. Ao mesmo tempo em que se permite ser encantado, desvenda, pouco a pouco, os segredos da magia que o envolve, dando-lhe, assim, significado.

Mas não é justamente esse o tipo de “acordo” que se faz entre o leitor e o livro que lê?! Ainda é Borges que nos indica o norte:

A obra estética requer a integração leitor/texto para só então existir. É um absurdo supor que um volume seja muito mais do que um volume. Ele começa a existir quando um leitor o abre por conseguinte, existe o fenômeno estético, que pode surgir no momento em que o livro foi planejado.²

Tendo isso em vista, talvez possamos dizer que o encantamento que o texto exerce sobre o leitor seja daquele tipo, muito embora a intensidade seja um pouco diferente.

Se, num concerto, o músico é como Circe que encanta os marinheiros de Ulisses, na relação entre o texto e o leitor o poder de encantamento, ainda que menos bombástico, é mais perene. Num concerto não há possibilidade de se voltar atrás. A música se desenvolve no tempo e o tempo não pára. Ao ler-se, entretanto, chega-se ao cúmulo de se deixar encantar várias vezes pelo mesmo feitiço: pode-se ler e reler um mesmo trecho antes de se passar adiante... Voluntariamente, o que é mais perigoso...

² BORGES, J. L. *Cinco visões pessoais*. 2. ed. Trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987. Cap.4: O conto policial. p. 31-32.

O livro lido atua, assim, como um daqueles poderosos feitiços das fadas célticas (ah, bons tempos aqueles em que as fadas ainda eram célticas...): levam-se séculos para que chegue o dia em que o encanto seja quebrado. E, mesmo assim, ainda hoje alguns deles persistem.

Moacyr Laterza Filho

Contando Estórias...

Somos leitores o tempo todo. Ao lermos um gesto, um olhar ou um discurso, estamos praticando a leitura. Ler não é apenas decodificar as letras, ou qualquer outro símbolo, ler vai muito além da decodificação:

A leitura vai, portanto, além do texto (seja qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens.¹

À medida que somos leitores de vários textos, produzimos vários sentidos. Estes sentidos não se encontram encerrados no texto, são frutos da interação enunciado/enunciação. Segundo Maria Helena Martins² se cada um de nós se perguntasse o que é leitura, chegaríamos a respostas diferentes. A leitura é uma prática individual, não sendo por isso limitada pelos sinais, ou seja, pelos símbolos que representam as várias linguagens ou textos.

Para Jorge Luiz Borges,³ “a obra estética requer a integração leitor/texto, para só então existir”. O autor, ao criar um texto, cria também um leitor. É o leitor que dá vida ao livro, ou qualquer outra linguagem, pois povoa o texto de expectativas decorrentes de sua experiência em leitura.

¹ MARTINS, 1993. p. 32-33.

² Ibidem.

³ BORGES, 1987. p. 31.

O leitor se constitui como uma espécie de filtro: o que ele retém é o entendimento, sendo que este entendimento está subordinado a sua vivência. Um leitor que vivencie apenas um contexto de leitura terá seu campo limitado pelas mesmas expectativas. É o que ocorre, por exemplo, com o leitor de telenovelas que de antemão já prevê toda trama. Borges explicita bem este leitor, quando diz que o leitor de ficção policial, criado por Edgar Allan Poe, se lesse Dom Quixote como um conto policial, certamente sua leitura seria voltada para o mistério, recheada de perguntas tais como: Quem matou? Quem é o culpado? e outras mais.

Assim, a leitura é uma atividade inquietante, geradora de sentidos, que requer leitores ativos, que interajam com os textos, construindo e se constituindo enquanto outro texto.

Uma Estória em Família

Recordo-me que em minha infância não tive muito contato com a leitura das letras. O primeiro livro que ganhei foi *Os Três Mosqueteiros*, mas não me interessei por ele.

Na verdade, meu primeiro contato com a leitura foi através de minha irmã, que não abria livros, nem nos mostrava gravuras, mas sempre nos contava estórias.

Nas tardes depois do banho, eu e meus irmãos nos sentávamos à mesa e ouvíamos *Os Três Porquinhos*, *Branca de Neve* e outras. Nunca me esquecerei de uma noite em especial. Chovia bastante e estávamos sem luz. Ao som de raios e trovões, ouvia *Rapunzel*: a estória mais marcante de minha infância.

Ouvir, ler e escrever são práticas que se entrelaçam se constituindo mutuamente. É o que diz Cecília Meireles.

O gosto de contar é idêntico ao de escrever – e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler.

Assim, as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas.⁴

O ato de contar estórias é bem antigo. Em todo o mundo povos diferentes se perpetuaram através da literatura oral, onde tradições e costumes eram passados de geração a geração, nunca se perdendo no tempo. Ainda hoje, mesmo com o advento da televisão e do vídeo, existe a presença da oralização. Observemos as canções de ninar que as mães cantam à beira dos berços e as estórias de família que não estão escritas, mas nos são passadas costurando-se à nossa própria narrativa.

Para Cecília Meireles,⁵ não existe quem não tenha, nas suas recordações de infância, alguma herança recebida através da literatura oral. Esta, muitas vezes, substitui o livro, sendo possível em muitas situações ser a literatura oral a própria matéria do livro.

Paulo Freire,⁶ procurando reconstituir as primeiras leituras de seu mundo, refere-se às conversas dos mais velhos sobre almas penadas, sempre presentes no seu tempo de criança, como uma de suas primeiras experiências literárias. Esta convivência com os mais velhos é muito rica na infância. Se nos lembrarmos da nossa, perceberemos que era sempre bom escutar as conversas dos adultos, pois indiretamente, sem saber, nos contavam estórias.

Uma Estória Profissional

Entretanto, não são apenas as crianças que gostam de ouvir estórias, os adultos também gostam. Esta temática foi muito bem abordada no cinema pelo filme *La Lectrice*, de Michel Deville. O filme conta a

⁴ MEIRELES, 1984. p. 31.

⁵ Ibidem, p. 48.

⁶ FREIRE, 1991. p. 14-15.

estória de Constance, que lê para o marido um livro de mesmo título que o filme: *La Lectrice*. Este livro conta, por sua vez, a estória de Marie, mulher detentora de uma bela voz que resolve se tornar uma leitora profissional.

É interessante observar que Constance é o duplo de Marie, uma vez que projeta sua falta na personagem do livro. Isto se pode perceber pelo fato de Constance atribuir a Marie sua própria imagem. Ao longo do filme esta relação de duplo vai se estabelecendo e se realiza no final, quando Constance nos dá a entender que vai se tornar uma leitora, tal qual Marie.

Da mesma forma que Constance procura preencher sua falta, os personagens do livro também o fazem através da leitora, demonstrando “que a leitura é uma atividade de ligação entre as pessoas e não uma barreira”.⁷

Mas é através de sua voz que todos os clientes de Marie se completam, ou buscam se completar. Como demonstra o amante estressado, um de seus clientes, ao lhe dizer: “tudo vem de sua voz”. Esta expressão mostra a sedução proporcionada pela palavra ouvida. Assim como o canto das sereias hipnotiza e seduz, a palavra ouvida também é sedutora. Sem a barreira dos sinais escritos, a voz, o olhar e a respiração são hipnotizadores, sendo necessárias cordas mais fortes que as usadas por Ulisses, para que não mergulhemos de cabeça ante palavras bem proferidas.

Marie exerce um papel terapêutica junto a seus clientes, ao escolher as leituras para cada um, colocando-os frente a frente com suas faltas. É o que faz a arte-terapia, em que se usa a arte (pintura, escultura, teatro, poesia e outras) como material terapêutico:

Não a usamos como instrumento de interpretação como na Psicanálise (...), mas como um espelho do próprio cliente,

⁷ ARAÚJO, 1991. p. 12.

*para que ele possa ter uma visão de como está seu processo de crescimento.*⁸

O filme mostra a leitura como uma atividade libertadora. É preciso *ouvir* para ler – e entenda-se ouvir no amplo significado de estar aberto para as vozes dos textos. Todos os ouvintes de Marie de alguma forma se libertam, até mesmo Constance, a leitora que dá vida a Marie, ao final de sua leitura denota uma mudança.

Assim, a leitura é um processo em que nos modificamos e nos encontramos. Somos várias construções inacabadas a se constituir dia a dia, pois é na leitura que o indivíduo se constrói.

Roseli Martins de Matos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Inácio. Prazer do texto chega pela voz de Miou-Miou. *Folha de São Paulo*, 1 mar. 1991. Ilustrada, p. 12.
- BORGES, Jorge Luis. *Cinco visões pessoais*. 2. ed. Trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. Editora da Universidade de Brasília, 1987. Cap.4: O conto policial.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 25. ed. São Paulo: Cortez, 1991. p. 11-24: A importância do ato de ler.
- HELENA, Mirtes. Uma mineira conta casos em Paris. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 jun. 1992. Fim de Semana, p.8.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. Cap.3: Ampliando a noção de leitura, p.22-35.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Cap.7: Da literatura oral à escrita. p.48-49.

⁸ HELENA, 1992. p. 8.

Dentro do guarda-roupa

A gente abre a porta de um livro e pendurado em seus cabides estão os conhecimentos de seus autores. Seus capítulos guardam, arrumados ou não nas prateleiras, as reflexões de cada leitor-escritor, que lê o mundo e os acontecimentos que nele ocorrem e os transcreve, protegendo suas idéias no guarda-roupa da leitura. As letras podem estar organizadas de tal jeito que, ou as idéias nos são transmitidas tranqüilamente ou caem em nossa cabeça como entulhos desajeitadamente jogados dentro dele.

“A leitura é o encontro de duas coisas: o livro e a cabeça do leitor. Quando este choque produz um som oco, este som não provém necessariamente do livro.”¹ A partir dessa consideração, o que seria, pois, o leitor? Leitor é aquele que lê, decodificando e compreendendo o texto. Mas nem sempre foi assim. Ler compreendendo não era para todos; era somente para sábios. Isso muda com a Reforma Protestante de Lutero que introduz a leitura silenciosa e individual. A história mostra que a leitura do jeito que a conhecemos hoje, silenciosa e individual, não era comum. Tanto que Santo Ambrósio foi encontrado lendo silenciosamente por Santo Agostinho, que se surpreende e revela esse fato em suas confissões.

A leitura agora passa além do texto... O leitor assume um papel atuante, deixando de ser simples decodificador e receptor passivo. A leitura, considerada reveladora de mundo e, conseqüentemente, desequilibradora e geradora de desordem, alcança variados graus de importância para cada leitor. A cada um destes, em sua área específica e/ou preferida, a leitura chega como uma informação a mais. Certamente um biólogo não só lerá livros de biologia mas também revistas e jornais, caso estes lhe interessem.

Só existe escrita porque existe leitura. O homem, em sua natureza, já era um ser de leitura: leitura das coisas da natureza. Percebo então as

¹ SCHOPENHAUER, 1994.

diferenças que uma vida pode trazer a esse ato. O modo de ser de cada um, o espaço ocupado ou por ocupar de alguém, a experiência das coisas do mundo que cada um carrega em si influenciam no gosto e interpretação da leitura. “Um livro é como um espelho. Quando um asno se põe diante dele não se pode esperar que apareça o rosto de um sábio.”² Ler é pessoal e íntimo, pois cada leitor descobre, segundo seus desejos, uma relação de empatia com o texto. Ou nada descobre ou sente, segundo sua nenhuma leitura de mundo.

*Absorto. O leitor é aquele que, de repente, ausenta-se do círculo dos vivos e passa misteriosamente ao universo invisível que se desdobra para além das páginas. Ele é como aquele que reza, medita ou mesmo dorme, concentrado num sonho interior ou como aquele que um êxtase subtrai a si próprio: Absorto.*³

Livros encantam como serpentes e, consumindo seu conteúdo, partilhamos com o autor seu saber escondido. Livros encantam a tal ponto que os leitores não vêem nada à sua volta. De repente livro e leitor são um só ser, unidos num desejo comum. Cabe a cada leitor particular descobrir esse desejo.

Ler nos torna únicos: praticando o ato de ler somos únicos na interpretação e na verbalização do conteúdo do livro. Através desse ato posso sentir o que sentem os personagens, viver o que eles vivem e ser como eles são. Ler é viver no texto e senti-lo, conhecendo coisas, lugares e pensamentos de homens e mulheres nunca vistos, compartilhando memórias. Centenas de leituras: não há uma única leitura, assim como não há um único ser humano. Somos milhares, podendo, portanto, ter milhares de leituras. Entretanto é ilusório imaginar a total fixação dos conhecimentos desse exercício, pois

² Idem.

³ CHARTIER [199?].

“esperar que alguém tenha retido tudo que já leu é como esperar que carregue consigo tudo que já comeu.”⁴

Ler: transformar palavras em imagens. O exercício da profissão: ler para estranhos, cada um com suas visões de mundo individuais, numa atividade de ligação entre as pessoas, transformando-se ao estar com cada um deles, fazendo o possível para transmitir o prazer que a leitura pode proporcionar... saindo da realidade e entrando num mundo onde o leitor, em particular, participa e sente à sua maneira o que o livro lhe diz, para mais tarde retornar ao mundo real e adequar as experiências do livro à sua vida. Ler: compartilhar vivências.

E ao fim de cada leitura o leitor particular, com suas emoções e sentimentos que lhes são próprios, terá dentro de si a capacidade inventiva de viver num livro, mesmo não tendo um em mãos.

Mônica Aparecida Gregório

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Anne-Marie. *Novas definições do ato de ler*. [Belo Horizonte: CEALE/UFMG, 199?].

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre livros e leitura*. [Rio de Janeiro]: Paraula, [1994] apud FIGUEIREDO, Rubens. Advertência aos leitores compulsivos. *Jornal do Brasil*, mar. 1994. Cad. Idéias.

⁴ SCHOPENHAUER, 1994.

A Criação do Texto através da Leitura

Estabelecido o contato entre leitor e obra, temos o início da criação do texto. Mais do que o escorrer dos olhos sobre as linhas já preenchidas, o “olhar” do leitor é que constrói o texto. Assim, o conceito de leitura é bem mais amplo do que o termo em si sugere. A leitura engloba o mundo como um todo, e tudo pode ser lido sem a utilização da escrita. E talvez a escrita só exista porque já existia a leitura (leitura de mundo). Se “escrever é se apropriar de outros textos explícita ou implicitamente”,⁵ então, o escrever já faz parte da leitura. As imagens são traduzidas em sons, e esses, em sinais; eis o surgimento da escrita: a recriação da leitura das imagens.

“Uma grande maioria daqueles que passaram pelo sistema da escola primária e secundária pode ‘ler’, mas não lêem. Eles têm uma falsa aptidão literária.”⁶ O estímulo à leitura e ao seu aprendizado deveria passar pela “leitura de mundo”. O incentivo deve partir do pleno sentido de reconhecimento do ambiente pelo aprendiz. Explorar outras formas de leitura pode ser estimulante, por mostrar que o ato de ler faz parte da vida diária.

O personagem Chico Bento, de Maurício de Souza, em *Ler Faz Bem*, remete-nos à realidade do ensino no nosso país. O acesso aos livros é restrito a uma minoria privilegiada, enquanto a maioria se vê relegada ao insucesso pela própria condição econômica; injustamente a escola cobra-lhes o mesmo desempenho. Excluindo-os das oportunidades de criação e de prazer no aprendizado, a escola desempenha um papel discriminatório, pois faz do aluno carente uma peça “fora” do corpo escolar.

Quando concebemos a idéia de leitura, não podemos restringi-la a um objeto de encadernação vistosa e muitas páginas. A leitura estende-se a todo o nosso ambiente circundante, e nós mesmos nos damos a ler.

⁵ ALMEIDA, 1994.

⁶ STEINER, 1989. p. 3.

A leitura deve, assim, ser entendida como um processo de compreensão abrangente, o qual pede mais que a simples decodificação de signos lingüísticos; e mais que a “busca” de algum “sentido” oculto no texto. É a própria criação de um ou mais textos a partir do que está sugerido nas entrelinhas. Dessa forma, é o leitor um participante ativo na criação literária, uma vez que a leitura se tece de traços que são próprios do leitor, experiências pessoais que se lhe acumularam e que são cedidas ao texto no ato de ler. Daí os diferentes estilos de leitura.

Leitor e “texto” assim se aproximam, se tocam, confundem-se, fundem-se, tomam-se “um”. E, inseridos um no outro, já é quase impossível distingui-los, ou mesmo separá-los. A leitura só existe, pois, nessa simbiótica integração.

Águida Valéria Pinheiro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LER faz bem. *Chico Bento*. São Paulo. n. 186, p.26-33, mar. 1994.
STEINER, George. E depois do livro? Trad. Geraldo Gérson de Souza. *Jornal da USP*, 18-24/dez. 1989. Cad. B, p.2-3.

Leitura: a Semeadura (do Escritor) É Livre, mas a Colheita É Incerta

*Leitor: co- autor do texto.
O meu leitor não é o que me lê.
É o que me relê (caso exista). Um autor lido unicamente uma vez não tem leitores, por mais retumbante que seja o seu sucesso.
LEDO IVO, Confissões de um Poeta.*

*Um livro é uma garrafa atirada em pleno mar, sobre a qual é preciso colocar este rótulo: apanhe quem puder.
VIGNY, Diário de um poeta.*

*Há uma regra segura para julgar dos livros como dos homens: basta saber por quem são amados e por quem são odiados.
JOSEPH DE MAISTRE, As noites de S. Petersburg.*

*Na realidade, todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo.
PROUST, O tempo redescoberto*

*Todo livro tem como colaborador o seu leitor.
BARRÈS, Stanilas de Guaita*

*Agora todo mundo faz livros. Os homens realmente raros hoje são os leitores. Atiram-se livros à cara de todo mundo, mas ninguém os apanha, salvo aqueles que não os podem julgar.
MARQUÊS DE CUSTINE.
Lembranças e retratos.*

O que é leitura? O que é leitor? O que é livro? São questionamentos absolutamente interessantes devido à transcendência que os permeia.

Para responder à primeira pergunta recorrerei à significação original da palavra, que veio do latim: *lego/ler*: colher, ajuntar, escolher,¹ o que, ainda que não seja a melhor forma de se alcançar uma definição, representa um princípio de busca.

Ora, se nos detivermos nestes três significados de leitura – colher, ajuntar, escolher – poderemos deduzir o que se segue: a leitura é, primeiramente, pessoal e, em segundo lugar, aleatória. A primeira

¹ REZENDE, 1993.

afirmativa poderemos sustentar recorrendo à clássica afirmação do educador Paulo Freire, de que a leitura do mundo precede a leitura do texto.² Dessa forma, cada qual colhe, ajunta ou escolhe o que está a seu alcance, dentro daquele determinado momento de sua história pessoal, cujo estágio (em sentido amplo, poderia dizer-se em termos de anos) poderá favorecer ou não uma boa leitura. A este respeito, Lin Yutang, em *A Importância de Viver*, diz que “não há no mundo livros que se devam ler, mas somente livros que uma pessoa deve ler em certo momento, em certo lugar, dentro de certas circunstâncias e num certo período de sua vida”.

Também poderá a leitura, ou seja, o ato de colher, ajuntar, escolher, ser aleatória, pois, dentro desse estágio ao qual me referi (bom ou ruim), haverá momentos (num sentido estrito) em que o leitor poderá não estar na sua melhor *performance* no ato da colhedura, do ajuntamento, ou da escolha, o que poderá resultar em interferências na sua ação. Maria Helena Martins, em *O que é Leitura* diz que “Frank Smith, psicolingüista norte-americano, estudando a leitura, mostra que gradativamente os pesquisadores da linguagem passam a considerá-la como um processo, no qual o leitor participa com uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas sim de sua capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los. *Mesmo em se tratando da escrita, o procedimento está mais ligado à experiência pessoal, à vivência de cada um, do que ao conhecimento sistemático da língua.*”³ (Grifo meu.) Este é um dos motivos pelos quais a leitura tem tanta proximidade, tanta semelhança com a escrita, chegando a provocar afirmações como esta de que “Borges lê o que escreve no próprio ato de escrever, escrevendo, por isso, uma interminável leitura”.⁴

E o leitor? Lançarei mão de uma experiência pessoal para responder a essa pergunta. A partir da observação de uma mostra de quadros de

² FREIRE, 1983. p. 11.

³ MARTINS, 1993. p. 32.

⁴ BARBOSA, 1989. p. 1b.

pintores de renome denominada *Galeria de Leitores*, em que é feita a representação do leitor, pude concluir facilmente que o leitor é um náufrago da palavra: há uma entrega, um mergulhar-se, de corpo e alma, no objeto da leitura.

Vê-se, nas pinturas da mostra, esta representação do leitor: na sua maioria, eles estão retratados com os olhos profundamente introjetados no livro, no texto: *Eis o mergulho da alma*. Ou então, quando não estão com os olhos fixos no objeto da leitura, estão introspectivos, no espaço, com as imagens que os textos lhe provocaram, o que, também, é um mergulho, um jogar-se da alma. Outra leitura interessante da mostra é também a entrega do corpo ao ato da leitura: a sua postura é sempre, de uma forma ou de outra, favorável à leitura (ou à meditação sobre as imagens produzidas na mente do leitor) – o corpo encurvado, recostado, enlevado (quando no ato da meditação), ou ereto, mas com a cabeça abaixada. *Eis a entrega, o mergulho do corpo*.

Curioso ainda seria notar que no ato da escrita há também entrega semelhante – o que nos lembra a afirmação sobre Borges citada acima – não absolutamente igual, pois parte do corpo está em movimento e em estado de excitação, característica do estado de quem produz qualquer coisa. Daí a proximidade entre o ato de ler e o ato de escrever, processos tão semelhantes que chegam a se confundir.

Mas, detendo-me na representação do leitor, objeto da mostra, concluo um fato indiscutível: o leitor é um sujeito, no sentido da entrega ao livro, ao texto. É sujeito e também está sujeito, devido ao poder de sedução do livro, do texto, da palavra: é o poder que dela emana. Neste sentido, voltando à questão da leitura, que não pode se dissociar da do leitor, concluo que ela é feminina. E é uma mulher bela, uma mulher extremamente sexy, sedutora. Leitura: substantivo feminino. Não foi por acaso que o cineasta Michel Deville, na representação de uma leitora profissional, em *Uma Leitora bem Particular*, escolheu a atriz francesa Miou-Miou para representá-la. O

motivo da escolha pelo diretor é óbvio: a leitura, reafirmo, é algo que seduz; portanto, para algo que seduz, nada como uma representante que também exerce a sedução: uma mulher sedutora. E para essa questão deixo uma ressalva: que me perdoe Vinícius de Moraes, mas a Beleza, a escolha do que se chama beleza, é muito pessoal, assim como o livro, o texto. Ou como diz Schopenhauer em *Sobre Livros e Leitura*: “Um livro é um espelho: quando um asno se põe diante dele não pode esperar que apareça o rosto de um sábio.” Também é do mesmo filósofo, quando disserta sobre a relação amorosa, em “Metafísica do Amor”, a afirmação de que sempre procuramos aquilo que nos falta.⁵ Dessa forma, a escolha de uma mulher, assim como a de um livro, um texto, como belo, ou simplesmente a escolha dependerá do que o leitor estiver necessitando, naquele estágio de sua vida. Isso do ponto de vista masculino, o que não alteraria o raciocínio invertendo-se as perspectivas. Usei a analogia da sedução do texto com o poder de sedução da mulher, por ser o homem, biologicamente, psiquicamente, mais sujeito à sedução pela mulher do que o contrário, o que é explicável.

E o livro? Não existe matéria que gere tanta controvérsia como o livro. Anatole France diz que “o livro é uma seqüência de sinaizinhos. Nada mais. Cabe ao leitor extrair dele as próprias formas, as cores e os sentimentos aos quais esses sinais correspondem. Dependerá dele que esse livro seja apagado ou brilhante, ardente ou gelado.”⁶ Ah! Livros! Ah! Mulheres! E, para desfecho, citarei Yosef Lichtenbaum, que diz, acerca dos livros, que “na verdade, não achareis outra mercadoria tão estranha como os livros. São impressos por gente que não os compreende, vendidos por gente que não os compreende, encadernados, lidos e criticados até por gente que tampouco os compreende. E, para remate, às vezes são até escritos por gente desprovida de compreensão.”⁷

⁵ SCHOPENHAUER. *Dores do mundo*.

⁶ FRANCE. *O jardim de Epicuro*.

⁷ LICHTENBAUM citado por ALCALAY. *Words of the wise*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, João Alexandre. Variações sobre a leitura. *Jornal da USP*. v. 1, n.2, 12 a 18 jun. 1989. Caderno de leitura, p. 1b.
- DEVILLE, Michel. *Uma leitora bem particular (La lectrice)*. França, 1988. Direção: Michel Deville. Roteiro: Rosalinde e Michel Deville. Com Miou-Miou, Christian Ruché, Silvie Laporte, Maria Casars, Régis Royer.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*, em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1984.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. Cap. 3: Ampliando a noção de leitura, p. 32.
- REZENDE, Antônio Martinez. Glossário de *latina essentia* – preparação ao latim. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1993.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre livros e leitura*. [Rio de Janeiro]: Paraula, [1994] apud FIGUEIREDO, Rubens. Advertência aos leitores compulsivos. *Jornal do Brasil*, 26 mar. 1994. Cad. Idéias.
- RÓNAI, Paulo. *Dicionário universal nova fronteira de citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Dores do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro. (Coleção Universidade) Cap. I: Metafísica do amor.

Leitura Mistura Tessitura

Seria a leitura apenas a decodificação de sinais gráficos, constituindo uma cadeia sonora ou mental?

Segundo Frank Smith,¹ psicolinguísta norte-americano, a leitura é um processo em que a participação integral do leitor não está centrada em sua capacidade de decifração de sinais e sim em sua capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los, ligando-os às suas experiências pessoais. A respeito da decodificação e da compreensão, diz Maria Helena Martins: “ambas são necessárias à leitura.

¹ SMITH apud MARTINS. *O que é leitura?* p. 32.

Decodificar sem compreender é inútil, compreender sem decodificar, impossível.” E ainda: “a leitura vai (...) além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele”.²

Como podemos observar, tanto Smith quanto Martins ressaltam a importância da participação do leitor no ato de ler, e assim o leitor não deve ser encarado como aquele passivo decodificador e receptor, mas sim como um leitor ativo, que dialoga, interage, mistura-se com o texto. Texto – não seria, prezado leitor, cada um de nós um texto? Pense.

Cada um de nós é um texto, ocupa na cultura um lugar fundamental na constituição do texto/leitor e do leitor/texto. A cada nova experiência, a cada contato com outros textos, nosso conhecimento se multiplica, imprime-se em nosso modo de agir e pensar. Como Penélope ia tecendo seu véu, ponto por ponto, assim nosso eu vai sendo tecido; e como de ponto em ponto vários pontos iam compondo o véu, assim nosso eu vai sendo formado pelos vários eus que compõem os vários textos.

Não podemos falar em leitura sem falar em leitor, texto e intertextualidade. Como leitores, não podemos ser apáticos, devemos, além de decodificar, interpretar o enunciado, ou seja, ler a enunciação, ativando nosso conhecimento de mundo; como texto, somos fragmentos de outros discursos, resultado de vozes que ouvimos e daí, intertextualidade. Por isso, não podemos jamais esperar um texto original; em toda tessitura encontraremos a mistura de outros textos.

No filme *Uma Leitora bem Particular*, de Michel Deville, uma reflexão acerca dos temas leitura, leitor e literatura, fica claro que não se pode dissociar leitura, leitor, texto e intertextualidade. Nele, a leitora funciona como construtora de sentidos, como texto, repetida no leitor, ouvinte intertextual. A leitora é re-criadora, aquela que possibilita a viagem das outras personagens, é mediadora entre o

² MARTINS. *O que é leitura?* p. 32.

texto e a fantasia do ouvinte – a partir dela se descobre o prazer da literatura e se chega ao gozo.

Leitura é dialogismo, várias vozes que vão se misturando em busca de um sentido. Estabelecer um diálogo com o texto é precípuo para o ato de ler, pois é a partir dele que nossas experiências, vivências, bagagens sócio-culturais serão transportadas para o texto, dando-nos a oportunidade de inferir, interagir, criticar e multiplicar nosso conhecimento.

Ao ler, estabelecemos uma relação íntima com o texto, dialogamos com ele, nos entregamos a ele, tornamo-nos uno para alcançarmos a pluralidade, os vários *eus* que compõem o texto e o leitor/texto. Ler é buscar a volúpia. É crescer e multiplicar num jogo fantástico de sedução, onde todos os textos se enroscam, se enlaçam, escorregam, se fixam e se constituem num uno, num múltiplo e fundamentam o ser.

Assim, como vimos, leitura não é somente a decodificação de sinais, nem a forma, oral ou silenciosa, é a compreensão do que se lê, ativando os conhecimentos prévios e gerando relações entre significados. É dialogar com o texto em busca da produção de sentidos e do prazer da descoberta. E, como não poderia deixar de ser, o indivíduo que consegue tornar-se um leitor proficiente trama, brincando, sua urdidura.

E agora, como prêmio, por ter demonstrado ser paciente, caro leitor, darei a você o mais belo conceito de leitura, elaborado por Elson Froes:

*Ler é questão de largura
a capacidade de enfiar milhares
de pequenas contas num único fio
o entendimento rompe-o
milhares inesperadas contas
rolam em liberdade*

Pensam que o saber

*é tirar contas dentre milhares
de um vidro e enfiá-las
num fio de pequenos colares
Prefere-se sabê-las rolando
ao chão*

*Ler é questão de largura
a capacidade de enfiar
milhares de pequenas contas
num fio imaginário
de pequenos colares
o entendimento rolando
solto em liberdade dentro
de um vidro vazio*

*Pensam que o saber
é tirar contas dentre milhares
de um fio imaginário
e enfiá-las num vidro
Rompendo pequenos colares
o chão rolando
sob o entendimento vazio.*

Magda Gonçalves

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FÍLMICA

- CASA NOVA, Vera Lúcia de Carvalho. *La Lectrice: uma teoria da leitura*. Belo Horizonte: FALE/UFMG; 1994. (Palestra).
- FROES, Elson. *Chromos*. (inédito).
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. Cap. 3: Ampliando a noção de leitura, p. 31-33.
- UMA LEITORA bem Particular. (La Lectrice) França, 1988. Direção: Michel Deville. Roteiro: Rosalinde e Michel Deville. Com Miou-Miou, Christian, Ruché, Sylvie Laporte, Maria Casars, Régis-Royes.

A Leitura como Fonte de Prazer

A leitura é um processo de interpretação, o mesmo processo que agora tento reproduzir neste texto doído. Pois o processo de ler é doloroso, uma vez que envolve uma exposição do particular de cada um. Nós tomamos emprestado do autor o texto, e dele fazemos uma extensão do nosso corpo, de modo a atingir alguém ou alguma coisa. Ler é querer captar o instante já da idéia, que teima em fugir. Tentamos captar o presente, a atualidade, e, às vezes, caímos no passado. Ler é viver partes interrompidas do viver de outra pessoa. É uma busca desenfreada por querer salvar a própria vida através das linhas retas de um texto. É buscar consolo num momento de indefinição. Ler é observar, em cada coisa e pessoa, expressões além da estética, expressões que desvendam mistérios. Ler é esvaziar o seu copo cheio e estar pronto a enchê-lo novamente, desta vez com outras informações.

Na verdade, eu não gosto muito de escrever. Pois, além de prender-me a um espaço em branco, tenho que receber o mesmo pintado com correções. E, desejando a novidade, sempre recomeço textos escritos anteriormente – é o que Borges chama de constante retorno da escrita.¹ Já a leitura não é constante. Ela consegue ser múltipla na tentativa de captar o sentido. Através dela encontramos portas laterais, por onde caminha a nossa frente o ímpeto da descoberta. Assim, vou convivendo com a amargura e o prazer. A primeira, ligada à escrita e a segunda, ligada à leitura. A leitura, no entanto, me fortalece, me alegra, principalmente quando me permite exprimir uma mesma coisa de várias maneiras, ao mesmo tempo que viajo através da memória. “A leitura atua por contaminação, instaurando o lugar em que tem vez a imaginação, a fantasia e a criação do leitor na formação de significados que passam a existir para além das páginas

¹ WALTY, Ivete Lara Camargos, CAMPOS, Maria Helena Rabelo. As sete faces de um texto. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v.4, n.2, p. 71-87, 1985.

que se lê.”² A leitura em voz alta que eu costumava fazer no banheiro, no quarto, na cozinha, na sala, ou mesmo nas brincadeiras de escolinha, compreendia” (...) tirar as palavras de um limbo unidimensional e oferecer-lhes um espaço de ressonância, isto é, de vida.”³ Acreditava que cada palavra que saía de minha boca era uma alma libertada de um lugar em que se mantinha presa. Mas infelizmente, o que temos por leitura apresenta-se a mim neste momento como limitada. Suas amarras são o conhecimento que vem de leituras anteriores. Cada leitor possui uma leitura específica que foi permitida a ele captar não somente em momentos de graça, como acontece com Clarice Lispector, quando conta sobre a vitória de sua personagem Lóri sobre a contínua dor da existência,⁴ mas também nos momentos de completa entrega às coisas corriqueiras.

Pode-se dizer que cada leitor apresenta uma leitura condicionada ao contexto com o qual interage. Por outro lado, o ato de ler é único e emite um efeito sobre o leitor. As expressões, ao pegar um livro, o aspecto do rosto, o local em que o leitor se encontra, tudo isso influi no modo como a leitura é processada. Da leitura podem advir sensações às quais o leitor não está imune, como sonhos, angústia, nostalgia, tristeza. Mas também o prazer. A leitura no começo me parecia muito difícil, mas também muito interessante. O prazer era maior e me proporcionava manter a minha vida em constantes contatos com outras vidas, como aconteceu ao ver o filme *La Lectrice*, pois, segundo o crítico de cinema Inácio Araújo, “o filme procura demonstrar que a leitura é uma atividade de ligação entre as pessoas, e não uma barreira.”⁵ Ao ler um texto procuro buscar o prazer como foco gerador de empatia para adentrá-lo. À medida que a

² BARBOSA, João Alexandre. Variações sobre a leitura. *Jornal da USP*, São Paulo, 12 a 18 jun. 1986. Caderno de Leitura, p. lb.

³ ARAÚJO, Inácio. Prazer do texto chega pela voz de Miou-Miou. *Folha de São Paulo*, mar. 1991. Ilustrada, p. 12.

⁴ LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 18. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

⁵ ARAÚJO. *Ibidem*.

vontade de ler vai crescendo, cresce também minha exposição de voz, meu desejo de reviver coisas que o livro traz em estado adormecido. Minha maior pretensão ao ler um livro é vivenciá-lo, ceder-lhe um pouco de mim e dele receber. Ainda não é claro para mim o tipo de texto que me agrada. Mas uma coisa eu sei: textos entranhados em si, narcísicos, forçando-se como verdade, me afastam. Mas, como acontece com Montaigne, faço duas tentativas de lê-los, caso não consiga, salto-os e prossigo, sempre motivada pelo prazer. E Montaigne continua: “Se insistisse nela [na dificuldade encontrada na leitura], eu me perderia, e ao meu tempo, pois tenho espírito resoluto e impaciente. O que não vejo da primeira vez, menos o vejo se insistir. Nada faço sem alegria (...).”⁶

Minha entrega ao texto é interrompida neste momento pela leitura que faço deste, enquanto minha colega ao lado se desespera no recomeço de um novo texto. Mal sabe ela que um trabalho sempre requer tentativa, experimentação, ambas enriquecedoras e mais importantes do que o ato de finalizar o texto, que deixa um vazio em quem escreve. A impetuosidade de minha colega vence sua teimosia em não querer escrever. Não sei ao certo suas leituras anteriores. Ela é para mim um livro novo, com capa colorida, bastante ilustrada, fascinante, mas ainda não decodificada. A minha leitura se processa no momento em que dou sentido aos signos que partem de minha colega. Retorcida na cadeira, sua lapiseira desliza sobre o papel, enquanto turva o rosto em sinal de interrogação. Mas essa expressão facial pode representar também um desarranjo de pensamentos, visto que ela a todo momento interrompe frases, apaga-as por completo, faz uma pausa juntamente com a colocação de uma vírgula. Mônica é meu texto vivo, e como tal uma leitora com várias possibilidades de interpretação. Qual o motivo que a levava a desenvolver um texto tão íntimo? Finjo escrever e dou uma olhadinha no texto dela. Ela seria uma leitora incansável sempre desconfiada dos enunciados que outros lhe apresentam? Ou seria uma leitora de gibis, interessada em

⁶ MONTAIGNE apud BARBOSA, op. cit.

alegrar-se face ao mundo que tanto a faz sofrer? Uma leitora que fogue a sua própria leitura? Não sei. Isso é apenas uma possibilidade de interpretação que a leitura me dá.

Na verdade, corro atrás de uma leitura-fantasma, que circula em torno de mim e não enxergo. Só consigo enxergá-la através de outra pessoa ou coisa, o espelho, pois somente dou sentido ao que me completa ou ao que me desperta interesse. A leitura é, pois, um olhar o outro, ao mesmo tempo que é também um olhar interior em nós mesmos.

Andréa Cristina Felix

Achem a Chave

No dicionário, as definições de leitura, leitor e livro chocam qualquer um que tenha pensado nesses assuntos com um pouco mais de cuidado. São frias, demasiadamente lógicas e estáticas, como é próprio do “estado de dicionário”. Mas o choque é ainda maior se paro para pensar na definição de outras, de todas as palavras da minha língua, ali presas, condenadas a não significar muito...

É preciso libertá-las, o processo e julgamento a que foram submetidas não está muito claro. Há controvérsias.

Qual é a acusação? Substantivos são acusados de, pretensiosamente, nomear seres, coisas e idéias sem o seu prévio consentimento. Adjetivos, por contribuírem com os substantivos, chegando inclusive a ajudá-los, modificando seu modo de ser e qualificando-os, são enquadrados como cúmplices. Aos verbos, que indicam a ação e aos advérbios, que exprimem as circunstâncias, acusação dupla. Preposições, conjunções, artigos, etc.: liberdade condicional.

Brincadeiras à parte, quando Drummond revela que cada palavra

*tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?¹*

é sério que ele fala. É preciso usar essa chave, e usá-la é ler e escrever com o prazer da liberdade.

Mas, infelizmente, poucos sabem da existência dessa chave mágica e por isso não a usam.

Matéria recente de um dos mais lidos jornais brasileiros² revela que metade dos paulistanos não leu um livro sequer durante o ano de 1993. Alegam, em sua maioria (58%), falta de tempo. Soubessem eles que um certo escritor recuperou o seu tempo perdido escrevendo/ lendo, e se lançariam sem dúvida em busca do deles próprio.

Mas se em São Paulo a situação é essa, o que será do Norte e Nordeste? Lá, com certeza, os meios de comunicação audiovisuais dominam mais que em qualquer outro lugar. Se sobra tempo é para a novela, o futebol, programas de auditório e *talk shows*, onde pessoas inteligentes desfilam sua erudição levando a quem assiste uma gostosa ilusão de que também é erudito quando, no dia seguinte, é sua vez de desfilar com as idéias do entrevistado da noite anterior.

Aos falsos leitores, que porventura considerem a leitura como um ótimo meio de se apropriar das idéias alheias, como fazem os amantes dos *talk shows*, fica a observação de João Alexandre Barbosa³: “de um livro a outro, importa menos o que a memória pode reter do que o modo pelo qual a personalidade o leitor vai sendo formada.” E quem verdadeiramente **LÊ** sabe disso.

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 11^a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 177.

² PAULISTANOS dizem não ter o hábito de ler por falta de tempo. *Folha de São Paulo*, 2 jan. 1994. Cad. Mais, p. 4.

³ BARBOSA, João Alexandre. Variações sobre a leitura. *Jornal da USP*, 12 a 18 jun. 1989. p. 1b.

Mas o que é ler verdadeiramente? Como medir essa grandeza? George Steiner⁴ fala em leitura “semi-atenta” e leitura “integral”. Uma distingue-se da outra, digamos, pela aptidão literária de quem a executa. No caso da primeira, a grande maioria dos que passam pela educação de massa das tecnocracias superdesenvolvidas: aptos a ler de *outdoors* a romances sensacionalistas. No caso da segunda, aqueles que, escapando da educação massificada, conseguem perceber o sentido de conhecimento referencial da leitura: aptos a ler com atenção concentrada e segurança gramatical verdadeiros leitores, usuários da chave mágica!

Rodrigo Costa

Ler, Ler-se

O papel da leitura em nossa sociedade pode ser encarado sob os mais diversos ângulos. Ao assistir ao filme *Uma Leitora bem Particular*, no original *La Lectrice*, de Michel Deville (1988), podemos perceber isto claramente, através da contraposição da noção de leitura da protagonista com a de seus “clientes”.

A personagem principal do filme, interpretada por Miou-Miou, é uma intelectual que, influenciada pela leitura do livro *La Lectrice*, resolve colocar um anúncio num jornal, oferecendo-se para ler obras literárias, em voz alta, na casa do interessado. Com o desenrolar dos acontecimentos, ela descobre que cada cliente tinha seus desejos e que, por isso, cada um esperava algo diferente de suas leituras, o que tornava impossível a impessoalidade anteriormente pretendida.

Neste filme, não só o papel da leitura na sociedade é questionado, como também um de seus aspectos fundamentais: a identificação que

⁴ STEINER, George. E depois do livro? Trad. Geraldo Gerson de Souza. *Jornal da USP*, 18 a 24 dez. 1989. p. 2b.

se estabelece entre o leitor e o texto lido. Esta identificação pode ser mais claramente percebida quando a leitura é feita em voz alta. Neste tipo de leitura, as linhas escritas são como pautas de uma melodia básica, à qual podemos acrescentar nossas improvisações. O bom músico é o que se toca, é o que interpreta a melodia. Da mesma forma, o bom leitor é aquele que se lê. Quem não se coloca no texto não é leitor, é executor. Leitura pressupõe interpretação, identificação com o texto.

A identificação leitor/texto não ocorre, entretanto, apenas na leitura em voz alta. Na leitura silenciosa também procuramos a satisfação dos nossos desejos, só que de maneira diversa. Na primeira, o corpo participa intensamente, enquanto que na segunda predomina o processo mental. Por isso, quem lê silenciosamente alheia-se do mundo exterior, ficando absorto numa outra realidade, a realidade do texto.

O processo de leitura silenciosa pode ser analisado a partir da observação dos leitores retratados nas artes plásticas. Vários pintores, das mais diferentes correntes, retratam pessoas lendo, o que comprova a importância do papel da leitura em nossa sociedade.

Se prestarmos um pouco mais de atenção nestes quadros, perceberemos algo, no mínimo, interessante: nem todos os leitores retratados têm seus olhos voltados para o que estão lendo; muitos têm apenas um livro aberto à mão, mas estão interessados em alguma outra coisa. A partir desta observação podemos concluir que há dois tipos de leitores silenciosos: os absortos e os dispersos.

Nos retratos dos leitores dispersos, a leitura parece não ocupar a posição central da tela, pois os leitores têm seus olhares voltados para outras direções, aparentemente alheios ao livro que trazem nas mãos. O que importa, nestes quadros, não é o ato da leitura em si, mas aquilo que o circunda.

Os leitores absortos, por sua vez, são retratados com os olhares voltados totalmente para o texto, chegando às vezes a nem ser

pintado o olho propriamente dito, mas apenas a pálpebra, num completo alheamento do mundo exterior. Estes quadros apresentam duas peculiaridades: primeiramente, nem todos os textos lidos são livros – muitos são cartas, daí talvez a maior atenção dada à leitura; além disso, muitos desses quadros fazem referência ao ato de leitura no próprio título. É o caso de *Gabriela Lendo* e *A Leitora* (Renoir) e *A Velha Lendo* e *Tulius Lendo* (Rembrandt), dentre outros.

Nestes quadros estão, pois, representados os leitores de fato, os que estão mergulhados no livro. Nas palavras de Anne-Marie Chartier, “o leitor é aquele que, de repente, ausenta-se do círculo dos vivos e passa misteriosamente ao universo invisível que se desdobra para além das páginas”. Também esta autora classifica os leitores de “absortos”, e explica que “não é o leitor que ‘absorve’ o livro, é o livro que ‘absorve’ o leitor, tem poder sobre ele”.

O que se pode perceber, através destes vários exemplos, é que a leitura, silenciosa ou em voz alta, requer uma relação de intimidade entre o leitor e o texto. Ela não pode ser imparcial, pois é escritura, é engajamento. A própria escolha do que vai ser lido já reflete um posicionamento diante do mundo. Desejo, necessidade e vontade – precisamos satisfazer tudo isto, e a literatura aparece como uma das maneiras de buscar esta satisfação, é uma faceta desta busca insaciável. Para cada pessoa, um desejo, uma leitura. Cada um tem a sua experiência, o seu universo simbólico, e é a partir daí que se identifica com o texto, que faz sua leitura – uma leitura bem particular.

Ana Maria Bernardes de Andrade

O Enigma do Livro

A leitura pode ser uma conjunção entre labor e ócio. Decifrar as mensagens no nível do labor e identificar as próprias inquietações no nível do ócio.

Atividade concomitante da escrita, a leitura é, não raro, uma produção de imagens de personagens, coisas, cenários.

Quando transcodificando um livro para um filme, nos decepçamos ao depararmos com outra leitura. As imagens que produzimos não estão lá. O filme é outra leitura.

O importante é sabermos ler no prazer do texto: ler como quem descobre o mundo no outro mundo – do autor. Operar uma conjunção entre prazer e ócio: decifrar mensagens no nível do labor e fantasiá-las no prazer do ócio.

Mas por que durante a leitura preferimos introjetar o pensamento e dispersar do ato de leitura? Talvez seja porque é difícil concentrar, compenetrar, entrar no mundo do outro.

A atividade de leitura consiste em decifrar um enigma. Como já disse Nietzsche, “a arte [de leitura] é aqui uma proposição de enigmas que proporciona ao seu decifrador prazer por sua própria rapidez e acuidade de sentir”.

Berenice R. Teixeira